

O “FASCIO DE INTELECTUAIS” E O ASPECTO RURAL DE OLYMPIA

“A vida da roça é ingrata, sim; mas, tem mais encantos, mais alegrias, mais abundância e mais...sim, mais honradez.

As cidades offerecem conforto e diversões, mas lá há tantas chagas sociaes, misérias, tanta falta de socego!”

(Extraído da *“Revista Agrícola de Olympia”*, 1925)

O Meio Rural do Município

O município de Olympia está localizado a 450 quilômetros da Capital paulista e na década de 1930 situava-se no que se convencionou chamar de sertão paulista. Mas o que seria o sertão? O dicionário Aurélio fala em terreno coberto de mato, longe do litoral ou ainda, interior pouco povoado.¹ Entretanto, para o caso específico da zona de Olympia, sertão foi a penúltima fronteira a ser desbravada e povoada no Estado de São Paulo². O desbravamento e o povoamento partiram do litoral em direção ao interior, seguindo a trilha aberta pelo café, especialmente a partir do final do século XIX. Eram, portanto, chamadas de sertão as zonas ainda pouco habitadas, de economia agrária, distantes da Capital e que começavam a se desenvolver com a chegada das estradas de ferro e que em pouco tempo demonstravam pujança econômica e despertavam o sonho de enriquecimento em muita gente.

A zona de Olympia, constituída por municípios como São José do Rio Preto, Bebedouro, Catanduva e Barretos, só teve seu progresso alavancado a partir dos anos de 1920, quando a riqueza produzida pelo café começou a despertar o interesse de migrantes e imigrantes. Nos anos 20 e 30 tinham enorme importância

¹ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. P. 1.577.

² A última fronteira do sertão desbravada foi a de Jales, Fernandópolis, Santa Fé do Sul e Votuporanga.

as colônias de italianos, espanhóis, portugueses e japoneses em Olympia. Tanto que em 1925, 56,7% dos cafeeiros existentes no município pertenciam a estrangeiros, principalmente italianos.

O café fez a riqueza de Olympia e em 1925 já era a quarta cidade do Estado em movimentação bancária, ficando atrás apenas de São Paulo, Santos e Campinas. E foi essa riqueza a fonte de atração de muitos profissionais liberais que migraram para esse sertão, carente de mão-de-obra especializada, em busca de sucesso. São os casos, por exemplo, do médico Philemon Patráculo Ribeiro da Matta, nascido em Campos dos Goytacazes (RJ) e da família do advogado Ruy do Amaral, cuja origem está no Vale do Paraíba, em São Paulo, e que mais tarde se tornaram expoentes do integralismo local.

O município de Olympia, constituído por Cajobi, Severínia ou Luiz Barreto, Guaraci, Altair, Icém e Patos, chegou a possuir 9.650 quilômetros quadrados, sendo o segundo maior do Estado. A penetração desse rincão paulista começou em meados do século XIX, com elementos mineiros e tropeiros, que descendo o Rio Grande entraram na região pelo atual município de Guaraci. As terras, que margeiam o rio Grande, foram as primeiras a ser ocupadas por esses aventureiros, muitos foragidos da polícia. As primeiras famílias viviam isoladas pela distância e por uma muralha de florestas dos centros urbanos mais próximos (Jaboticabal, Araraquara ou Barretos), constituindo-se em vastas sociedades patriarcais, verdadeiras autarquias que produziam tudo para seu próprio consumo. Já em fins do século XIX, depois que estes pioneiros haviam traçado algumas pistas que ligando-os às cidades mais próximas para o fornecimento de mercadorias indispensáveis, como o sal ou tecidos, o povoamento se estabeleceu mais para o sul, agora com elementos vindos do nordeste do Estado de São Paulo (Ribeirão

Preto, Sertãozinho) e de regiões fronteiriças com Minas Gerais. A nova ocupação se fez toda sob o sistema de patrimônios: os proprietários de terras doavam um terreno em favor de um santo, em honra do qual se levantava logo uma capela; em torno dela, não tardaram a surgir as pequenas vendas e casas de moradia, que se adensavam à medida que chegavam novos elementos de fora, atraídos pela facilidade de aquisição das terras e perspectivas de riqueza, próprias em toda zona pioneira. Esta segunda fase do povoamento fundava-se na criação do gado e numa agricultura melhor organizada, mas ainda sem o plantio do café, que esteve proibido até 1910. Parte dos novos elementos tornou-se logo proprietária de lotes de terra comprados em ótimas condições e extremamente valorizados mais tarde.

A terceira e última fase de povoamento se deu com a estrada de ferro São Paulo – Goiás, partindo de Bebedouro em 1909, foi semeando povoados e incentivando vilas já existentes até Nova Granada, num pequeno percurso de 120 quilômetros, mas que foi fundamental para a valorização dessa parte do sertão.

Juntamente com a via férrea, chegou o imigrante italiano e espanhol, que logo deixou sinais característicos de sua presença na região. O elemento indígena que habitava a região não estava mais presente nesta fase de povoamento. Em 1925, o município contava com cerca de 48 mil habitantes, sendo apenas 7 mil na chamada zona urbana.

A Zona Rural

A fazenda era o centro de uma pequena aglomeração constituída pelas casas dos colonos, que se alinhavam uma ao lado da outra, geminadas ou separadas, e mais retiradas apareciam a casa do administrador e a sede da fazenda.

As propriedades eram classificadas de acordo com sua área: de 1 a 3 alqueires, eram chácaras, geralmente próximas às aglomerações, quer urbana, quer semi-rurais; os sítios eram as propriedades que possuíam de 3 a 10 alqueires e as fazendas eram as propriedades com mais de 10 alqueires.

Os sítios e fazendas confundiam-se quanto à sua distribuição e quanto aos produtos cultivados. A diferença estava no sistema de trabalho, do qual resultava a ocupação do solo diferente pelo homem. Enquanto nos sítios era o proprietário ou o arrendatário e sua família que lavravam o chão, só eventualmente possuindo trabalhadores pagos. Nas fazendas todo serviço era feito com homens assalariados, sendo que o proprietário muitas vezes residia na cidade.

A sede das propriedades era um prédio bem cuidado, de aspecto moderno, nada que lembrasse os casarões das fazendas do Vale do Paraíba, e muitas até possuíam telefone. A colônia, muito comum nas fazendas, localizava-se longe ou perto da sede e da casa do administrador.

A habitação rural naquela época não apresentava profundas diferenças em qualquer fazenda. Tanto o italiano como o espanhol, o português ou o brasileiro, construíam suas casas de tijolos, com telhados em duas ou quatro águas, cobrindo poucos cômodos, de linhas simples, sem qualquer enfeite no acabamento ou traços arquitetônicos trazidos de suas terras, podendo ser assoalhadas ou simplesmente de chão batido. Uma das maiores preocupações dessas populações rurais ainda era o mosquito transmissor da malária.³ A cidade não passava de um pequeno núcleo para onde convergiam proprietários e colonos visando saciar as necessidades que o campo não dispunha.

³ Dados extraídos da *Revista Agrícola de Olympia*, 1925, e *Alguns Aspectos da Paisagem Rural do Município de Olympia*, de Ely Goulart Pereira de Araújo, 1950.

É nesse ambiente de predomínio rural, que surgiu em 1934 o núcleo municipal da Ação Integralista Brasileira, com seu proselitismo intelectual e seu discurso fascista e anti-semita.

O Integralismo e a Zona Rural

O discurso integralista tinha como alvo a defesa do homem do campo, considerado por Plínio Salgado a verdadeira encarnação do homem brasileiro, simbolizado na figura de Jeca Tatu. Apesar disso, o integralismo permaneceu fundamentalmente um movimento urbano, sem o apoio significativo do Brasil rural, e Olympia foi um exemplo disso, diferentemente do nazi-fascismo europeu representado e organizado entre os agricultores, particularmente na Alemanha.

Na Itália, mesmo após a vitória, o Partido Fascista foi mal-sucedido na conquista de um suporte no setor rural da península, onde a política de clientelismo era dominante.⁴ Ângelo Trento afirma que a ação do fascismo no mundo rural baseou-se constantemente em imponentes campanhas publicitárias e propagandísticas. Uma das mais importantes, continua Trento, foi a da ruralização, que tinha o objetivo de desencorajar as migrações do campo para a cidade, mas que por motivos políticos atraiu o interesse de Mussolini, principalmente a partir de 1930.⁵ Menor concentração urbana era efetivamente desejável, porque faria diminuir o descontentamento das famílias sem habitação e além disso, era preferível o excesso demográfico no campo e não nas cidades, onde o desemprego era mais visível e onde mais facilmente as massas populares poderiam perturbar a ordem pública.⁶ Também parte da literatura nazista ocupou-se com o tema da volta a terra e da glorificação do modo de vida do camponês. Alcir Lenharo comenta que a

⁴ TRINDADE, Hélio. *Integralismo – O Fascismo Brasileiro na Década de 30*. Prefácio à 2^a edição. P. XIII e XIV.

⁵ TRENTO, Ângelo. *Fascismo Italiano*. P. 43.

⁶ Idem. P. 43-44.

temática no nazismo era mais envolvente, abarcava um tom romântico anticapitalista que se mostrava avesso à industrialização e à vida nas cidades, com o fim de exaltar a pureza dos costumes rurais.⁷ Os camponeses eram glorificados como a reserva moral da Alemanha, o elemento sadio e regenerador, responsáveis pela manutenção da tradição, da pureza da raça e dos costumes, graças ao contato permanente com a terra e ao fato de terem vivido alheios às influências estrangeiras.⁸

A característica urbana do movimento brasileiro ficou evidente em Olympia, onde havia um discurso fascista, mas sem a contrapartida de ações de mobilização das massas e sem a participação ativa de produtores e trabalhadores rurais, que poderia dar ao integralismo local um caráter não só de partido de base popular como também de valorização do homem do campo.

A intelectualidade brasileira, da qual Plínio fazia parte, se reconciliou simbolicamente com a realidade do país com a publicação, em 1902, de “Os Sertões”, de Euclides da Cunha. É a partir desse momento que as elites intelectuais tomam consciência de sua alienação com relação à situação de abandono das populações das regiões centrais do país.⁹

Plínio Salgado descrevia o homem real para o qual destinava sua mensagem, era inspirado na figura de Jeca Tatu, de Monteiro Lobato, a quem definia como “o espírito nacional”, “o homem perdido no imenso meio físico”.

No livro *Psicologia da Revolução*, Plínio abordava a temática do homem do campo, para ele esquecido e proscrito dos debates, sem voz que o fizesse ouvir na discussão dos destinos da pátria.¹⁰ O chefe nacional denunciava

⁷ LENHARO, Alcir. *Nazismo – O Triunfo da Vontade*. P. 67.

⁸ Idem.

⁹ TRINDADE, Hélio. *Integralismo – O Fascismo Brasileiro na Década de 30*. P. 20.

¹⁰ SALGADO, Plínio. *Psicologia da Revolução*. P. 128.

que as elites políticas e as elites literárias de que deveriam ser expoentes os autores indianistas, o nacionalismo e o liberalismo eram copiados, um dos políticos, outro, dos poetas franceses, existia, ao mesmo tempo, um sentido da terra e um instinto político que eram profundamente brasileiros.¹¹

A terra plasmava o homem, dizia Plínio, em cujo sangue corriam os sangues de três raças e em cuja alma vibrava o sentimento católico, que entrava na formação da nacionalidade: o caboclo de lineamentos próprios, esse tipo moreno e forte, que arrostava com todas as angústias da conquista do sertão e lançava as bases da agricultura na vasta área do território brasileiro.¹²

Para Plínio, o elemento caboclo não teve nenhuma influência na formação do Império e da República e o integralismo surgia para alçar esse caboclo ao seu lugar de destaque na sociedade. O camisa-verde perguntava o que era o Brasil? Acaso eram as diminutas elites cultas? Acaso eram as populações mescladas de estrangeiros e de negros, que enxameavam as ruas estreitas das cidades do litoral? E o próprio Plínio respondia que o Brasil eram as populações interiores, os numerosos núcleos de agricultores e de pastores, de pequenos comerciantes, de tropeiros, que se ligavam por estradas penosas, fazendo circular as primeiras produções, lendas, canções, costumes, linguajar da terra e todo um acervo acumulado durante o período colonial e que constituiria a verdadeira nacionalidade brasileira.¹³ O isolamento de cada célula social, a preocupação viva de fundar e de desenvolver a agricultura, afastava as populações da Europa romântica do século XIX em que viviam os centros cultos do país, prendendo-se à Europa aventurosa e individualista dos séculos XVII e XVIII, explicava Plínio. Mas foi

¹¹ Idem.

¹² Ibidem.

¹³ SALGADO, Plínio. *Psicologia da Revolução*. P. 131.

esse mesmo caboclo, que Plínio tanto exaltava, esquecido pelo núcleo da A.I.B. em Olympia.

Plínio Salgado falava na coexistência de duas classes no país – uma minoria letrada e uma pesada multidão de analfabetos ou semi-analfabetos. Essa divisão teria precipitado a destruição das ligações que aglutinavam a sociedade brasileira.¹⁴ A nação teria sido dividida em duas em decorrência da dificuldade dos meios de comunicação, que teria isolado as regiões, e do contraste da cultura litorânea com a realidade psicológica das populações interiores.¹⁵ As duas nações que Plínio imaginava seriam resultado de uma revolução distinta. O Brasil letrado, dos literatos, dos juristas, dos cientistas, dos grandes industriais e comerciantes, dos políticos e diretores de partido, seria procedente do século XIX, constitucionalista, liberal, democrático, cientista, romântico e retórico, e a expressão da ideia revolucionária oriunda do fato revolucionário europeu. O outro Brasil, dos aglomerados municipais, das populações disseminadas pelo imenso território, das massas proletarizadas, dos bandos sertanejos, seria procedente do século XVI, individualista, aventuroso, feiticista por índole, acomodatício às injunções patriarcais ou aos imperativos caudilhescos, e à expressão da ideia revolucionária nascente no século XVI.¹⁶ Enquanto os intelectuais integralistas do sertão olimpiense estavam atados a esse Brasil letrado, a maioria da população local estava inserida no outro Brasil descrito por Plínio, mesmo que boa parte dela fosse oriunda da Europa (na década de 30 havia mais estrangeiros, italianos, espanhóis, portugueses e japoneses, vivendo em Olympia do que brasileiros autênticos). Portanto, Olympia nos anos 30 tinha uma composição social diferente daquela que Plínio imaginou para esse rincão paulista no seu romance *O Estrangeiro*, ou seja, o predomínio do

¹⁴ Idem. P. 157.

¹⁵ Idem.

¹⁶ Idem. P. 158.

elemento nacional: baianos, mineiros, cearenses, “as bandeiras em marcha no rumo incerto do sertão”.¹⁷

Gustavo Barroso entendia esse litoral como corrupto e o sertão como a alma brasileira. O chefe das milícias integralistas falava na “revolução integralista”, uma revolução das ideias: “...a *Voz do Oeste* sopra sobre o litoral corrupto do velho e puro Brasil esquecido nos quaes, nos araxás e nas caatingas do vasto sertão que adormece ao som das violas sob o brilho do seu altar de estrelas.”¹⁸ Alcir Lenharo, em seu livro *Sacralização da Política*, chama de dualidade esquizofrênica o modo do pensamento totalitário entender essa relação litoral/sertão.¹⁹ Aqui o sertão é tomado como a “reserva de brasiliade”, o “fáries típico inconfundivelmente brasileiro”. No sertão pobre e esquecido encontra-se a “reserva moral do país”, enquanto no litoral (as cidades) apresentam-se estandardizadas, padronizadas arquitetônica e moralmente, mancomunadas com o capitalismo internacional e submetidas à sua influência dissolvente.²⁰ Para Lenharo, a dimensão esquizofrênica se explicita na dicotomia puro/impuro, espiritual/material. A Nação ideal estaria no sertão; seu isolamento, sua pobreza, seu “atraso” lhe garantiriam a pureza original, já a cidade seria o domínio da matéria, da intoxicação capitalista, mas materialmente também Nação.²¹

Plínio Salgado também era detentor dessa visão, pois havia sido contagiado pela “natureza das coisas do sertão” quando de sua viagem ao norte do

¹⁷ SALGADO, Plínio. *O Estrangeiro*. P. 204. Em carta a Ivã escrita de Cedral, Juvêncio descreve a descoberta do Brasil: “Encontrei o Zé Candinho, como um centauro, corcovando na besta pinhão, pelas ruas do povoado. Em todo município de Rio Preto, predomina o elemento nacional: baianos, mineiros, cearenses, bandeiras em marcha no rumo incerto do sertão. Boiadas canalizadas pelo Tabuado, estradas de poeira de Tanabi e Monte Aprazível. Aldeias-acampamento, cheirando a pólvora. Achei, enfim, o Brasil.”

¹⁸ BARROSO, Gustavo. *A Voz do Oeste*. Jornal “Cidade de Olympia”, 15 de julho de 1934. Neste artigo, Gustavo Barroso comentava o lançamento do livro de Plínio Salgado “A Voz do Oeste”.

¹⁹ LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. P. 72.

²⁰ Idem.

²¹ Ibidem.

Estado de São Paulo em 1923, acompanhando o Secretário da Educação, Alarico Silveira, que serviu de inspiração para o livro *O Estrangeiro*. No romance, o futuro chefe integralista descrevia o sertão como autêntico portador da nacionalidade brasileira: “*A terra é ingênuas; e os que a procuram, com sinceridade, sofrem a sua atração deliciosa. Transformam-se ao seu contato. Não há estrangeiros nestas brenhas porque ninguém traz às costas o cadáver do Passado. Todos se entendem, falando um só idioma de aspirações.*”²² E continua: “*É aqui que está a Voz-que-chama; o imã do sertão, que irmana todo o país na unidade política e que o definirá na unidade futura de uma raça forte.*”²³

O discurso de Plínio era destinado ao homem do campo, ao Jeca Tatu²⁴ que existia no “hinterland” brasileiro, sujeito ao amarelão, à febre amarela, ao impaludismo, à exploração dos latifundiários, ao analfabetismo, a condições de vida precárias, enfim, a toda a sorte de desventuras que o tornava uma presa fácil à politicagem liberal, que primava por manter o status quo social e a manipulação das massas. No romance *O Estrangeiro*, o chefe integralista já exaltava a figura do caboclo como forte, a vitalidade da raça, livre das contaminações dos grandes centros.²⁵ Ele descrevia que o urbanismo seria a morte da nacionalidade, a morte do homem transformado em títere cosmopolita.²⁶

O chefe integralista também manifestou sua preocupação com o caboclo ao escrever o Manifesto da Legião Revolucionária²⁷ de São Paulo, em 1931:

²² SALGADO, Plínio. *O Estrangeiro*. P. 275.

²³ Idem. P. 276.

²⁴ No romance *O Estrangeiro*, Plínio Salgado escreveu: “*Não éramos o Jeca-tatu acocorado e banzeiro? Pobre caboclo! Que culpa lhe cabe, se lhe acenaram com um idealismo que ele não comprehende? Se os diretores da nacionalidade não souberam integrar o homem à onda exata do seu destino?*”. P. 327.

²⁵ Idem. P. 325.

²⁶ Idem. P. 326.

²⁷ Organizações políticas, também chamadas legiões de outubro, articuladas pelos “tenentes” logo após a vitória da Revolução de 1930 com o objetivo de dar conteúdo, organização e unidade aos princípios revolucionários. Contando com apoio do governo e tendo como centro de irradiação do

“...Quer que sua voz (da Legião Revolucionária) chegue aos recessos do sertão, onde o caboclo calumniado, soffre e lucta herculeamente. Quer que seu appello vá ecoar até onde palpita o coração de um brasileiro, um coração generoso que queira actuar revolucionariamente no sentido de salvar o Brasil.”²⁸ Em 1934, Plínio Salgado mostrou-se novamente preocupado com o caboclo diante da “ameaça” que representaria a elaboração de uma falsa Constituição, feita por políticos para políticos contra o Brasil. Ele descrevia o tipo de Constituição que temia para o Brasil, ou seja, a que obrigasse o caboclo a uma participação na vida pública para o qual não estaria preparado:

“Uma Constituição que permita que o caboclo do Brasil seja violentado, forçado a se pronunciar sobre assumptos de direito público, de economia e finança, de administração e de política, que elle não entende, situação essa a que o leva a escolha de presidentes da República, mediante a comparação dos programmas e plataformas.”²⁹

A proposta integralista era revitalizar as massas camponesas, dando a elas as condições necessárias de crescer e se desenvolver. O integralismo surgia no cenário político brasileiro propondo ser aquele remédio que o doutor receitou ao Jeca Tatu³⁰ para acabar com o amarelão e revigorar o caboclo, que, curado se

Distrito Federal, teve núcleos em diferentes estados. As mais importantes foram as legiões mineira e paulista. Em Olympia também constitui-se um núcleo da Legião Revolucionária, em 1931.

²⁸ *O Manifesto da Legião Revolucionária de S. Paulo*. Jornal “Cidade de Olympia”, 15 de março de 1931.

²⁹ SALGADO, Plínio. *Brasil dos Brasileiros, Não dos Políticos*. Jornal “Cidade de Olympia”, 25 de março de 1934.

³⁰ “Um dia um doutor portou lá por causa da chuva e espantou-se de tanta miséria. Vendo o caboclo tão amarelo e chucro, resolveu examina-lo.

- Amigo Jeca, o que você tem é doença.
- Pode ser. Sinto uma canseira sem fim, e dor de cabeça, e uma pontada aqui no peito que responde na cacunda.
- Isso mesmo. Você sofre de ancilostomíase.
- Anci... o quê?
- Sofre de amarelão, entende? Uma doença que muitos confundem com a maleita...

O doutor receitou-lhe o remédio adequado; depois disse: “E trate de comprar um par de botinas e nunca mais ande descalço nem beba pinga, ouviu?” (Trecho do Jeca Tatu, de Monteiro Lobato)

revelaria um homem cheio de coragem e trabalhador incansável. A Ação Integralista Brasileira se apresentava como o remédio que curaria o Brasil dos *ancilóstomos* (os velhos políticos liberais, os comunistas, os judeus, a democracia, o capitalismo, os privilégios do litoral), que “impregnava o organismo da pátria impedindo-a de se tornar forte, rija e rica”. A A.I.B. promovia-se ao estilo de um remédio propagado no jornal “Cidade de Olympia”, nas décadas de 20 e 30, o *Vinho Creosotado*, do farmacêutico e químico João da Silva Silveira, “um poderoso tônico e fortificante, empregado com grande sucesso na fraqueza geral”, a fraqueza do povo, do país, por Deus, pela Pátria e pela Família.

O trecho de um artigo de Philemon Ribeiro da Matta ilustra essa disposição do integralismo em ser visto como um remédio para os males que infectavam o Brasil: “*A Acção Integralista com a sua doutrina, que não é um castello de cartas, mas sim o resultado de estudos profundos e muito sérios de sociologia applicados ao nosso meio; com a analyse dos factos que têm concorrido para o nosso mau estar, no Império e na 1ª República, poz de manifesto o remédio, o único capaz de solucionar o nosso drama; que tantas vezes tem tomado o carácter de tragédia*”.³¹ Mas o discurso voltado para o campo não passou de uma doutrina?, de um desejo?, de uma ilusão ?, pois a A.I.B. revelou-se um movimento de características urbanas, até mesmo em lugares como Olympia, rural e sertaneja, mais preocupada com o impaludismo e o amarelão reais, subjugada pelos donos de terras, vitimada pelo analfabetismo e pelos políticos clientelistas.

O Núcleo da A.I.B. e o Ruralismo de Olympia

Mesmo inserido num meio rural, o núcleo municipal da A.I.B. não atuava ajustado ao pensamento pliniano no que concernia a exaltação do homem do

³¹ MATTA, Philemon Ribeiro da. *Acção Integralista*. Jornal “Cidade de Olympia”, 19 de fevereiro de 1933.

campo. O discurso integralista na cidade era intransigentemente fascista, sem, no entanto, as correspondentes ações mobilizadoras dos trabalhadores em torno do projeto político do Sigma, especialmente no campo, onde os trabalhadores talvez estivessem à espera de alguém que “os entendesse e os resgatasse da ignorância política”. O próprio movimento integralista enxergava as massas no Brasil como ignoras. Enquanto isso, os políticos locais da velha estirpe desejavam manter as camadas mais atrasadas estagnadas. A política local sempre foi restrita a dois ou mais grupos saídos da elite econômica, que viam nas classes menos abastadas apenas depositários de votos, não alguém que deveria ser mobilizado para participar conscientemente da vida política.

Na política tradicional do município não havia espaço para debates doutrinários, os partidos políticos eram apenas siglas com as quais as pessoas lançavam suas candidaturas. Os principais políticos de Olympia nas décadas de 20 e 30 nunca são associados aos seus partidos políticos, mas apenas lembrados pelo cargo que ocuparam. Dificilmente alguém se lembrará a qual partido pertenceram políticos importantes, como Mário Vieira Marcondes, Nestor Cunha, Jeremias Lunardelli e tantos outros. As raras discussões partidárias se restringiam aos principais dirigentes dos partidos em questão. Em 1934, havia em Olympia quatro partidos registrados em Cartório: Partido Constitucionalista, Partido Municipal Independente, Partido Republicano Paulista e Partido Socialista Brasileiro. A Ação Integralista Brasileira nunca foi registrada localmente como partido.

Em vez de uma política voltada para os camponeses, a Ação Integralista preferiu elitizar seu discurso local, ignorar ações de mobilização dos assalariados rurais e propagar-se como o “remédio” intelectual para curar o organismo da pátria, infectado pelo liberalismo, comunismo, judaísmo, capitalismo,

usando um discurso diferente para a época e para a região, mas com algo em comum com os partidos tradicionais, o distanciamento das camadas iletradas, que continuariam a cumprir o mero papel de expectadoras. Assim, a A.I.B. que pretendia ser o novo, combatendo a política tradicional de exclusão das massas, acabou inserindo-se no mesmo parâmetro.

Portador de um discurso fascista, que não poupava elogios aos regimes da Itália, Alemanha e Portugal, o movimento integralista no sertão ignorou o fato de atuar numa região de vida rural, já que sua inserção no campo foi insignificante. Na década de 30 predominava no município a grande propriedade rural capitalista, produtora de café em sua maioria, e nela os operários agrícolas que vendiam sua força de trabalho, vivendo nas colônias.

Autor de *Fascismo e Ditadura*, Nicos Poulantzas afirma que em primeiro lugar é preciso insistir no fato de que o fascismo é um fenômeno essencialmente urbano, mesmo contra a opinião da quase totalidade dos ideólogos do totalitarismo que, baseando-se numa vaga concepção das relações entre fascismo e “valores tradicionais”, vêem no fascismo um fenômeno essencialmente “camponês”.³² Por fenômeno essencialmente urbano, continua Poulantzas, entende-se que as origens de classe, e a “ala em marcha” do fascismo mergulham essencialmente as suas raízes nas cidades. É importante ressaltar que mesmo nos locais onde o fascismo adquiriu, acima de um simples apoio eleitoral, um apoio ativo, o impacto do campesinato no seio do partido fascista e nacional-socialista foi sempre absolutamente secundário.

Se por um lado, o movimento integralista no sertão não contou com a adesão de proprietários de terra, tampouco recebeu sua oposição. O fato é que os

³² POULANTZAS, Nicos. *Fascismo e Ditadura*. P. 298.

camisas-verdes moderaram seu discurso, abandonaram qualquer ataque virulento à grande propriedade, ao domínio dos coronéis, ao clientelismo, ao partidarismo, à exploração no campo, a própria exaltação do homem do campo. Deixaram de realizar ações de mobilização dos trabalhadores e mantiveram desta forma uma relação de absoluta cordialidade com o poder dominante do município. Em troca, além da manutenção dos negócios entre os proprietários de terras e os profissionais liberais integralistas, os coronéis não reagiram àquelas ideias novas que a Ação Integralista representava e que se antagonizava a antiga e tradicional política do coronelismo em voga no sertão. Mesmo porque, em momento algum a Ação Integralista colocou a questão agrária em discussão. Tanto que somente dois artigos integralistas publicados no jornal “Cidade de Olympia” fizeram referência ao campo.

No primeiro, o intelectual Philemon Ribeiro da Matta escrevia em 1933 que os camisas-verdes esperavam pelo “nosso Duce”, pelo “nosso Salazar”, que seria capaz de alterar o quadro tétrico da população rural do país: “...carcomida de todas as endemias, e afogada nas trevas diante do mais absoluto analphabetismo!?”³³ O texto apresentava um integralismo conhecedor dos problemas do campo (comuns também no município), mas que via como solução o surgimento de uma espécie de “salvador”, um “super homem”, como teria ocorrido na Itália e em Portugal, e não na mobilização da população rural em torno do projeto político do movimento. O segundo artigo abordava uma conferência realizada em Olympia por Alpínolo Lopes Casali³⁴, que defendeu a ideia de Plínio: o Brasil era dividido em duas nações, o litoral e o “hinterland”. Casali falou na ocasião “de um

³³ MATTA, Philemon Ribeiro da. *Ação Integralista*. Jornal “Cidade de Olympia”, 19 de fevereiro de 1933.

³⁴ Alpínolo Lopes Casali foi um dos fundadores da Sociedade de Estudos Políticos e da A.I.B. e seus pais residiram durante alguns anos no município de Olympia.

completo esquecimento que as capitais mantinham do interior” e da necessidade da perfeita identificação do litoral com o interior.³⁵

A quase ausência de artigos dirigidos aos camponeses é uma evidência da indisposição do movimento em mobilizá-las e a disposição de apenas disseminar a Ação Integralista Brasileira como o “remédio” para as doenças que corroíam o campo, mas sem diagnosticar suas causas para não entrar em choque com o dono da terra. Os intelectuais camisas-verdes deixavam transparecer sua crença de que o trabalhador rural deveria ser mantido alheio às discussões políticas e econômicas, pois, além de não entendê-las, não fariam parte da sua vivência. O homem do campo deveria se preocupar com a produção, abandonando essas questões para os intelectuais integralistas, portadores da cura para todas as mazelas do campo e da nação.

Dois dos principais integralistas de Olympia confirmam que o núcleo municipal não mantinha ações específicas para a zona rural, reforçando a ideia de que se tratava de um movimento de características meramente urbanas, mesmo vivenciando uma realidade agrária. Ítalo Galli recorda que juntamente com seu tio, Luiz Galli, visitava as fazendas para fazer o que chamava de “proselitismo integralista” e que os habitantes da zona rural os recebiam bem. Entretanto, Galli confirmou a inexistência de uma programação específica para o campo.³⁶ A esse respeito, Deonel Rosa, que na década de 30 residia na zona rural, lembra que os camisas-verdes faziam “grupinhos” nos sítios e fazendas para discutir as ideias integralistas e eram recebidos “cordialmente”; não havia rejeição.³⁷ Mas as ações da A.I.B. para o campo se limitaram a essas escassas reuniões, nada que fizesse

³⁵ *Conferência Integralista*. Jornal “Cidade de Olympia”, 6 de janeiro de 1935. A conferência de Alpínolo Lopes Casali aconteceu no dia 30 de dezembro de 1934, no Cine Theatro Olympia.

³⁶ Entrevista concedida ao autor em 2 de março de 2001, em São Paulo.

³⁷ Deonel Rosa nasceu em Olympia em 29 de dezembro de 1921. Era aposentado da área de telefonia. Concedeu entrevista ao autor em 29 de janeiro de 2001.

lembra um movimento de mobilização das massas camponesas em torno de uma ideia. A ausência dessas ações talvez deva-se ao fato da quase inexistência no município do principal inimigo integralista: os comunistas. Diferentemente do que houve na Itália, os comunistas em Olympia eram poucos, nunca constituíram um movimento organizado e viviam em sua maioria na cidade.

Ruy do Amaral também confirma a inexistência de uma política específica para o campo. Existia, segundo ele, apenas a tentativa de despertar, tanto no camponês como no trabalhador urbano, um sentimento nacionalista.³⁸ Plínio Salgado falava muito em síntese, afirma Amaral, tanto que até o emblema da Ação Integralista era o Sigma, que significa a concepção integral da História e, consequentemente, os integralistas entendiam que o país deveria ser considerado um bloco monolítico, fosse no campo ou na cidade e, assim, o campo não poderia ficar de fora.³⁹ O fundador do núcleo local revela que havia de uma certa forma o interesse em conquistar esses moradores do campo, que não eram os fazendeiros, mas os trabalhadores, os roceiros, os colonos, sem existir, no entanto, um projeto específico para isso. Contudo, Ruy do Amaral vê este homem do campo como portador de pouca cultura e, portanto, incapaz de fazer apreciações da ordem em que a Ação Integralista enfocava os problemas brasileiros, de maneira que não havia necessidade, nem objetivo para procurar no campo membros que viesssem integrar o movimento.⁴⁰ As palavras de Ruy do Amaral corroboram com a posição elitista adotada pelo núcleo municipal. Os integralistas discutiam as questões num patamar que não ecoava o cotidiano dos trabalhadores rurais, mesmo porque a A.I.B. não encontrava no município, como descrevemos, o inimigo comunista que poderia disputar espaço junto aos camponeses.

³⁸ Entrevista concedida ao autor em 27 de setembro de 2002, no Rio de Janeiro.

³⁹ Idem.

⁴⁰ Entrevista concedida ao autor em 27 de setembro de 2002, no Rio de Janeiro.

Em escala nacional o número de militantes mostra, sem dúvida, que a A.I.B. constitui-se num movimento de massas, conseguindo reunir centenas de milhares de militantes espalhados pelos milhares de núcleos em todo país, numa época de predomínio dos partidos regionais. Mas em Olympia o integralismo foi elitista, academicista, relativizando a importância das classes populares, especialmente do campo, na vida política do país. Entendiam esses integralistas que o Brasil deveria ser entregue aos intelectuais. Os inúmeros artigos de camisas-verdes no jornal olimpiense atestam o elitismo que tomou conta do movimento a nível municipal. No Manifesto de Outubro de 1932, essa questão aparece implícita no artigo 6º, que fala na “organização e representação legítima das classes”, especialmente na “participação direta dos intelectuais no governo da República”⁴¹, que no sertão foi elevado ao paroxismo.

Apesar dos objetivos terem sido os mesmos do movimento a nível nacional, pelo menos ideologicamente, faltou ao núcleo da A.I.B. em Olympia o ingrediente da mobilização das massas em torno de seu projeto político, sem a qual não seria possível a tomada do poder. Ele transmitia as ideias sem a seiva mobilizatória, intrínseca ao integralismo.

Tanto Ítalo Galli como Ruy do Amaral confirmam a tendência do núcleo de seguir as orientações da doutrina nacional. Galli parte de uma explicação superficial e afirma que os objetivos eram os mesmos: divulgar a doutrina “sadia” do integralismo⁴². Enquanto Amaral tenta ir mais fundo na questão:

“De modo geral, nós estudávamos o integralismo na sua conceituação mais ampla, então nós éramos integralistas e a doutrina integralista tinha um programa, que nós estudávamos naturalmente, inicialmente,

⁴¹ *Manifesto de Outubro de 1932*. São Paulo, 1982.

⁴² Entrevista ao autor.

do ponto de vista nacional porque era um apelo para a unidade da pátria que estava ameaçada, principalmente depois da Revolução de 32, que ocasionou forte sentimento separatista na população paulista, que nós integralistas não queríamos para o Estado, então nós nos batíamos pela unidade do país, o nosso lema de certa forma era por uma São Paulo forte dentro do Brasil unido e com isso nós participamos dos ideais nacionais da Ação Integralista que era liderada pelo Plínio Salgado. E na cidade o nosso pequeno partido, que ainda era muito pouco expressivo numericamente tinha uma influência muito pequena, apenas a nossa curiosidade, o nosso dinamismo é que dava alguma força por causa dos comícios que participávamos e assim procurávamos combater aquelas ideias que nos parecia funestas para a cidade, ou seja, partido sem ideologia sem nada... ”⁴³

Os integralistas locais discutiam a nação, apresentavam a ideologia como salvadora, mas não tinham minimamente meios e nem vontade de efetivar a integração dos trabalhadores no movimento. Não estavam dispostos localmente a mobilizar os camponeses, pois isto significaria um confronto direto com os proprietários de terras, além do que o clima social no município era calmo, parecia inexistir a luta de classes, e não havia a ameaça comunista que viesse justificar uma ação mais efetiva da A.I.B.. Assim, os integralistas locais limitaram-se a pensar as mudanças concebidas por Plínio Salgado, sem a contrapartida de ações mobilizatórias em torno das ideias. Os camisas-verdes olimpienses não tiveram condição de serem fascistas no sentido próprio da palavra, permanecendo fiéis apenas ao ideário fascista que a Ação Integralista Brasileira representava.

⁴³ Entrevista ao autor.

*“No fundo do sertão, nas crises da maleita,
Juvêncio ardia e delirava. E sonhava uma Pátria
grande e boa, sobretudo, uma Pátria que
soubesse sonhar.”*

(Plínio Salgado, *O Estrangeiro*)